

AME SUA FAMÍLIA

Tedd Tripp

Amado Timóteo,

Muito obrigado por sua ligação na semana passada. Sou muito grato a Deus por tudo estar bem com você neste início de seu ministério. Você e Mary, e sua jovem família, são motivo de grande alegria para Margy e eu. Nós os amamos e nos regozijamos no que o Senhor está fazendo em suas vidas.

Estou contente em poder colocar no papel algumas idéias sobre a vida familiar de um pastor. É um grande prazer saber que você está preocupado em ser um homem de Deus, não apenas no púlpito e na vida ministerial, mas também em sua própria casa.

Como você sabe, uma das qualificações para o ministério do evangelho é ter uma vida familiar exemplar, sendo alguém “que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)” (1 Tm 3.4-5).

O lar é um microcosmo da igreja. As qualidades da vida espiritual que dão credibilidade ao pastor em casa fornecerão a mesma medida de confiança às pessoas que ele serve na igreja. A vitalidade espiritual que permite sua família seguir com alegria sua liderança assegurará a igreja de que ela está em boas mãos. A vida familiar é, no entanto, muito mais do que apenas um local para mostrar habilidades pastorais. É a própria fornalha na qual estas características são forjadas.

A qualidade de sua vida familiar ou irá lhe investir de credibilidade ou, então, irá roubá-la de você. Você pode imaginar uma mulher na igreja tendo confiança em um pastor cuja esposa é infeliz? As pessoas veriam um homem como um seguro guia espiritual, se seus filhos fossem rebeldes e incontrolláveis ou tímidos e oprimidos? Cada vez que você prega a Palavra, ou provê conselhos, ou ainda traz segurança e conforto para pessoas perturbadas, a qualidade de sua vida familiar irá dar o peso necessá-

rio às suas palavras. O objetivo da santidade na vida familiar não é a credibilidade, mas sim a glória de Deus. Entretanto, as pessoas sob seu cuidado irão observar atentamente sua vida familiar.

Um pastor ocupado frequentemente se sente dividido entre as necessidades de sua família e as necessidades da igreja. Se você pensar a este respeito, verá que nunca há competição entre os chamados de sua vida familiar

e os chamados do ministério do evangelho. Você serve à Igreja ao servir à família. Todo investimento feito no seu lar pagará os mais altos dividendos para a igreja. Você estará mostrando às suas ovelhas como as graças do evangelho repercutem em sua vida familiar.

Conforme tenho refletido sobre suas perguntas acerca da vida em família, pensei em três assuntos importantes que podem ajudá-lo a organizar seus pensamentos a respeito desta parte da vida: Seja um líder espiritual para sua família. Seja um marido e um pai para sua família. Seja o protetor de sua família.

SEJA UM LÍDER ESPIRITUAL

A passagem clássica a respeito deste chamado é Deuteronômio 6, quando Moisés está dando aos homens uma visão a longo prazo. Seu foco não é sobreviver e nem conse-

guir chegar ao fim da semana. Os chamados da liderança espiritual são para que você, o seu filho e o filho do seu filho conheçam e temam o Senhor (v. 2). Esta visão para três gerações o ajudará a resistir às tentações de cair nas conveniências do momento. Como pais, temos preocupações mais importantes do que unicamente o momento — nos preocupamos com o lugar onde nossos netos estarão daqui a cinquenta anos.

Naturalmente,

sua liderança espiritual é imprescindível para a família. Deuteronômio 6.5,6 deixa isto muito claro: “Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras... estarão no teu coração”.

Sua família precisa ver as riquezas de seu caminhar espiritual um tanto à parte de suas obrigações ministeriais. Sua alegria em Cristo, sua vitalidade como homem de Deus, sua afabilidade face às oposições, seu foco claro na graça de Cristo (não apenas por perdão, mas também por capacitação) será a lente pela qual eles verão todos os seus esforços para ministrar a graça de Deus a eles.

Compartilhe com sua esposa e seus filhos seu dia a dia. Na medida em que você encontra conforto e forças em Cristo, deixe que eles o vejam lendo e meditando na Palavra de Deus. Deixe que eles o observem como um homem de oração e de

■

As qualidades da vida espiritual que dão credibilidade ao pastor em casa fornecerão a mesma medida de confiança às pessoas que ele serve na igreja.

■

humildes fraquezas diante de um Deus de força. Nada irá prover sua família com tanto bem-estar quanto o seu amor e devoção a Deus.

Um outro aspecto de grande importância na liderança espiritual é retratar uma visão correta do mundo para seus filhos. Deuteronômio 6 fala disso com bastante pungência. “Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” (Dt 6.6,7).

Seus filhos precisam entender a natureza da realidade. Por trás deste mundo de imagens e sons há um mundo invisível de realidade espiritual que dá sentido ao mundo que vemos, tocamos e com o qual lidamos. A árvore no quintal que provê sombra e morada aos pássaros e esquilos, e também serve para as crianças subirem e até construírem uma fortaleza, existe pela vontade do Deus invisível. É sua criação. Ela existe como um hino de louvor à sua criatividade, sabedoria e capacidade. Ele nos tem dado estas coisas para nosso próprio deleite, para que possamos conhecê-Lo, adorá-Lo e deleitarmo-nos nEle. Como você pode ver, Timóteo, ninguém consegue realmente compreender a árvore sem antes observar o *invisível* naquilo que é *visível*.

Ajudar as crianças a entenderem a natureza da realidade requer imaginação. Nossos filhos precisam enxergar aquilo que é invisível aos olhos. Nós, cristãos, somos um povo cujo comprometimento com o mundo invisível da realidade espiritual

define nossas interpretações e respostas às coisas que verdadeiramente podemos ver.

A palavra imaginação não é usada em Deuteronômio 6, mas o uso da imaginação é essencial. Seu filho lhe perguntará: “Que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que nós seguimos?” (veja Dt 6.20). Para responder a esta pergunta, o pai precisa engajar a imaginação do filho em eventos do passado, como a escravidão no Egito e a audaciosa e dramática libertação através do braço forte de Deus. Estas histórias por acaso poderiam ser contadas de forma a impressionar as crianças sem que fosse feito uso da imaginação?

Desenvolver a imaginação de seus filhos irá ajudá-los a enxergar aquilo que não é visível aos olhos. Eugene Peterson colocou este assunto da seguinte forma:

A imaginação é a capacidade de fazer conexões entre o visível e o invisível, entre o céu e a terra, entre o presente e o passado, entre o presente e o futuro.¹

Pense nesta tarefa de ajudar as crianças a enxergarem a natureza da realidade como instrução formativa. Você está dando a elas formas de pensar e entender seu próprio mundo, de maneira enraizada na Bíblia. Nossos filhos não vivem à parte dos eventos e circunstâncias da vida, mas vivem à parte quanto à forma como interpretam e respondem a isto. A chave para a interpretação é a pessoa e a existência do verdadeiro Deus que vivo está.

Passe algum tempo lendo a Palavra com eles todos os dias. Ajude-os a enxergar as glórias e maravilhas de Deus. O Salmo 145 nos dá uma descrição esplêndida deste aspecto da paternidade: “Uma geração louvará a outra geração as tuas obras e anunciará os teus poderosos feitos. Divulgarão a memória de tua muita bondade e com júbilo celebrarão a tua justiça” (Sl 145.4,7). Seus filhos são feitos à imagem de Deus. Eles foram criados para a adoração; ajude-os a serem fascinados por Deus.

Naturalmente, você precisa ajustar o momento dos cultos domésticos de acordo com as limitações físicas e intelectuais de seus filhos. Seja fiel no culto doméstico e esteja certo de que este ato conecte seus filhos ao mundo invisível da realidade espiritual. Aquilo que é invisível e eterno nos capacita a interpretar corretamente o que vemos.

SEJA UM MARIDO E PAI

Tenho de lembrá-lo, Timóteo, que você deve renunciar sua vida em favor de Mary. Em Efésios 5.25, Deus o chama para amar Mary com o mesmo amor de auto-sacrifício que levou Jesus a entregar sua vida livremente pela igreja.

Ao se tornar sua esposa, muitos desafios foram colocados diante da vida de Mary. Ela está na berlinda. Há muitas expectativas sobre ela. As pessoas olham para ela, esperando que ela entenda intuitivamente todas as suas esperanças, medos e aspirações. Ela tem de estar sempre pronta

a dar um sábio conselho, ou apenas um ombro amigo. Outras mulheres pensam que ela é um compêndio de dicas sobre uma vida de sucesso. Outras, olham para ela a fim de receberem uma aprovação para as próprias vidas. Algumas irão invejá-la e ignorá-la. E ela tem de estar pronta para a hospitalidade ao primeiro soar da campainha. Qualquer interação com seu filho estará sujeita ao escrutínio de algum olho analítico, seja de um imitador ou de um crítico. Ela aceitou passar por todas estas pressões, quando se tornou a esposa de um pastor.

Mary precisa de um marido. Ela precisa de um homem que seja casado com ela, e não com a igreja. Ela foi criada para florescer sob os cuidados de seu marido. Pedro, o apóstolo inspirado, diz que você deve cuidar dela — viver a vida comum do lar, com discernimento. Pedro diz que, enquanto você cuida de sua esposa, como a parte mais frágil, sua vida de oração prosperará.

Leia a Bíblia e ore com Mary todos os dias. Tome algum tempo do seu dia para pastoreá-la. Dê-lhe oportunidades para falar com você sobre suas preocupações, dúvidas e questionamentos, assim como também sobre seus sonhos, objetivos e alegrias. Conheça estas coisas. Facilite a conversação, deixando-a perceber que as coisas que importam para ela são também importantes para você. Ajude-a a encontrar refúgio e esperança na graça de Cristo. Ajude-a a lembrar que graça significa mais do que o perdão; também significa capacitação.

Tenha prazer nela, elogie seu

novo corte de cabelo ou o seu vestido novo; separe um tempo todos os dias para olhar em seus olhos, como você costumava fazer quando começaram a namorar. Expresse sua gratidão pela maneira graciosa com que Mary recebe os convidados, fazendo-os sentirem-se em família. Faça com que ela saiba o quanto você aprecia seus esforços para tornar a casa mais bonita. Uma esposa é como uma amável flor. Ela irá desabrochar em lindas cores, enchendo todo o lar com um delicioso aroma de alegria, na medida em que você cria um ambiente encorajador ao crescimento. Encha a sua vida com a luz do sol, ao se deleitar nela e regue-a com um tratamento gracioso e orações. Enquanto cuida dela, você está cuidando da igreja.

Quando Pedro falou sobre a esposa como a parte mais frágil, estava declarando que Deus ordenou ao marido o trabalho pesado na vida familiar. Ele não está falando apenas de carregar as compras e outras coisas mais pesadas, mas sim que o homem deve ser aquele que carrega a responsabilidade sobre seus ombros. Os pesos das preocupações familiares, a educação das crianças, os cuidados e preocupações com a igreja, as lutas para viver com o limitado salário de um pastor — todas estas coisas devem ser suportadas pelo homem da casa. Ela irá, obviamente, ajudá-lo a levar estes pesos, mas você é o responsável pelo trabalho pesado. A sobrecarga de estar ciente do peso da vida não a esmagará, se ela souber que você, como um homem valoroso, está suportando todos os fardos com seus ombros.

Eu sei que você já tem conhecimento destas coisas e está bem fundamentado nestas verdades, mas assim como Pedro, eu o estímulo a lembrar-se delas (2 Pe 1.12,13).

Ao amar e cuidar de sua esposa, você cria um ambiente seguro e estável para seus filhos. Eu me lembro de minha filha, Heather, vindo até mim, quando era apenas uma menininha. Ela disse: “Papai, eu estou feliz porque você me ama”. Eu respondi brincando com ela, “Como você sabe que eu te amo?” “Porque”, ela disse, com muito mais discernimento que o esperado de uma criança de sete anos, “você ama a mamãe”. Oh, como seria bom poder inculcar este discernimento na mente de todo marido e pai! Amar sua esposa faz seus filhos sentirem-se amados.

Na verdade, o oposto também é verdadeiro. Amar seus filhos faz sua esposa se sentir amada. Eu me lembro de uma noite quando as crianças ainda eram pequenas, eu estava engatinhando no chão, brincando com elas. Inesperadamente Margy apareceu atrás de mim e colocou seus braços ao redor de meu pescoço dizendo: “Eu te amo tanto”. Eu respondi: “Eu também te amo, mas, por que você está dizendo isto agora?” Ela disse: “Eu simplesmente te amo”. Agora entendo o que a levou àquela demonstração espontânea de carinho. Eu estava investindo minha vida nas crianças e isto era um investimento que significava tudo para ela; então, isto a fez sentir-se mais perto de mim.

Eu sempre fui fascinado por Efésios 6.4 colocar disciplina e educação nas mãos do pai. Todos sabem que

as mães passam muito mais tempo com os filhos. Então, por que isto deveria ser identificado como um chamado dos pais? As mães, obviamente, também são responsáveis pela disciplina e educação dos filhos. Educar os filhos, no entanto, pode não ser tão natural para os homens quanto o é para as mulheres, mas Deus diz que é sua obrigação. O fato deste chamado ter sido designado aos pais, significa que eles devem prover a liderança na educação dos filhos.

Você é o homem de Deus para a liderança na disciplina, correção e motivação de seus filhos. Você tem o importante papel de dividir sua visão desta tarefa com Mary. Você pode ser a referência dela para uma série de questões e também o seu encorajamento, quando ela for tentada a ser muito tolerante ou ainda muito dura. Você pode formar acordos de parceria com Mary sobre quando e como disciplinar. É um chamado específico dos pais assegurar que os filhos sejam criados na disciplina e instrução do Senhor.

Em Gênesis 18.19, Deus diz aos líderes do lar palavras que são tão verdadeiras para nós, como eram para Abraão: “Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito”. Deus irá cumprir todas as suas promessas para Abraão, mas Ele irá fazê-lo no contexto da função de Abraão, como alguém que é fiel a Deus.

Há muitas fases em nossas vidas. Você está na fase do novo

ministério e dos cuidados e preocupações com uma jovem família. Haverá outras fases, na medida em que você e sua família amadurecem e envelhecem. É importante que você seja um líder previsível, estável e íntegro. Sua esposa e filhos irão se fortalecer ao vê-lo viver como um homem deslumbrado por Deus, sendo, portanto, cheio de alegria e confiança em todas as fases da vida.

SEJA UM PROTETOR

O corpo humano é uma maravilha da sabedoria e criatividade de Deus. O corpo nos provê com algumas analogias muito interessantes, para pensarmos sobre alguns assuntos. A membrana de uma célula humana, por exemplo, ao mesmo tempo em que está aberta àquilo que lhe é desejável, também está fechada para tudo que não é. Você precisa criar “membranas” como esta ao redor de sua família. Algumas das proteções que sua família precisa são comuns a todas, enquanto outras são específicas à família de um pastor.

Como em qualquer família, você precisa afastar as más influências da cultura. Um de meus antigos professores do seminário, Dr. Robert K. Rudolph, gostava de dizer: “Mentes abertas, assim como janelas abertas, precisam de telas para manter os insetos do lado de fora”. Você precisa proteger tudo aquilo que é bom e respeitável através de “telas” para o seu lar. Agora, enquanto as crianças ainda são pequenas, é um bom tempo para você e Mary desenvolverem padrões específicos que irão usar para filtrar o que entra em sua casa. Ob-

viamente, a cultura ímpia e anticristã que a mídia comum oferece não deve ser trazida para dentro do lar.

Haverá ocasiões que você terá de regular inclusive o tipo de acesso que algumas pessoas têm a seus filhos. Você terá de ser muito discreto e sábio com relação a maneira de fazer isto, mas seus filhos (e até mesmo sua esposa, algumas vezes) devem ser protegidos de algumas pessoas que Deus chamou para estarem sob seu pasto-

reio. Se o propósito de alguém é malevolente, sua família deve ser protegida. Felizmente, não haverá muitas ocasiões em que tal proteção será necessária.

Você também tem de guardar um tempo para sua família, ou não terá mais nenhum tempo junto deles. Esteja certo de organizar sua vida e seu ministério de forma a garantir um tempo com sua família. Eles precisam de tempo com você. Tempo para brincar e para os pequenos prazeres de estarem juntos pensando, meditando ou até mesmo lendo um bom livro. É importante que o papai esteja em casa investindo um tempo na vida familiar, e que abra mão dele somente se houver uma emergência. Que você esteja em casa, com o único propósito de desfrutar de sua família, sem nada mais em sua agenda.

Algumas destas proteções podem ser feitas apenas gerenciando bem a

sua rotina, e agendando horários quando não estará ocupado com a congregação que você serve. É bom que suas ovelhas saibam que há ocasiões nas quais é melhor que elas não liguem para você, e também outros momentos nos quais as ligações são sempre bem-vindas. Claro que haverá

emergências como doença, morte e crises familiares que cancelarão sua agenda, mas é um bom exemplo aos homens que você serve e um encorajamento às espo-

sas deles, saber que o pastor tem tempo junto de sua família e o preserva.

É sábio que o pastor que tem filhos pequenos mantenha seu escritório de estudos e aconselhamento no prédio da igreja. Se você trabalhar em casa, estará sempre distraído e será pouco produtivo. Seus filhos não entenderão por que o papai não “vem brincar”. Se você trabalhar no prédio da igreja, quando estiver em casa, realmente estará “em casa”.

A casa de um pastor é por definição uma casa aberta. Você quer que sua família tenha alegria em compartilhar a hospitalidade e use todos os seus dons para ministrar a graça de Deus aos outros (veja 1 Pe 4.9,10). E exatamente por esta razão, é importante que você proteja sua família de se perder, enquanto ministra aos outros. Há uma preocupação óbvia aqui. Sua casa deve ser aberta, a fim de que os outros possam se revigorar com a beleza e alegrias de uma

Esteja certo de organizar sua vida e seu ministério de forma a garantir um tempo com sua família.

vida piedosa no lar. Ao mesmo tempo, sua família precisa ter a ordem de uma rotina normal e previsível.

Se você conseguir manter um equilíbrio apropriado aqui, descobrirá que a casa de um pastor pode ser um lugar maravilhoso para o ministério do evangelho. Numa cultura em que a vida familiar vem desmoronando, as pessoas estão sedentas por ver uma família na qual há alegria e amor por Deus e pelos outros. Você pode encorajar seus filhos a terem um amor sincero por usar sua casa e vida familiar como algo útil para ministrar aos outros. Algumas das melhores lembranças de nossos filhos são de ocasiões quando tínhamos convidados ao redor da mesa, e as pessoas desfrutavam não apenas uma boa refeição, mas também de uma conversa espiritual amistosa.

Proteja sua família, guardando seu coração de querer agradar os homens. A tentação será colocar as expectativas das pessoas de sua congregação antes de sua esposa e filhos. Richard Baxter escreveu um maravilhoso capítulo sobre os medos dos homens em *Christian Directory* (Diretório Cristão)². Ele mostra como é impossível agradar a todas as pessoas. Você tem uma multidão para agradar e ao agradar alguém acaba desagradando o outro. Através de várias páginas de grande utilidade, ele mostra a impossibilidade de agradar aos homens e a liberdade de ter apenas um a quem agradar — Deus.

Agradar os homens não é apenas impossível, Timóteo, mas é, também, destrutivo a você próprio e à sua família. Você e Mary precisam se comprometer, graciosamente, a

recusarem que as pessoas que você serve preparem a agenda de sua família, ainda que elas se esforcem para isto.

Proteja sua família de todos os desapontamentos e feridas do ministério. Algumas das maiores tristezas do ministério pastoral são aquelas vezes em que o pastor é acusado. Talvez suas boas obras de pastor sejam relatadas como más. Ou, talvez, ele seja objeto de ataques ou cobranças falsas e injustas. Você não irá servir no mesmo lugar por muito tempo, sem passar por estes momentos de tribulação. Mas, lembre-se: você não precisa se defender — seu Defensor é forte.

Sua esposa e seus filhos precisam de proteção durante estes tempos. Eles saberão que você está passando pelo meio de uma tempestade. Eles podem orar e se sensibilizar com isto. Mas, especialmente seus filhos, não precisam ser arrastados por todos os seus estresses, desapontamentos, dores e medos. Mary certamente precisará saber mais sobre a situação do que seus filhos, mas, ainda assim, você poderá poupá-la dos detalhes mais sórdidos, os quais apenas a impediriam de dormir à noite. A idéia aqui não é colocá-la numa redoma, e lutar sozinho durante os períodos de provação. Vocês são uma só carne e você não pode caminhar sozinho. Aprenda a ter Mary como sua confidente, porém, sem fazê-la carregar os fardos.

Deus irá sustentá-lo durante estas provações. Depois da tempestade sempre vem a bonança (veja Sl 66.10-12). Quando você passar são e salvo pela tempestade, será uma

bênção que sua esposa e filhos não tenham detalhes para esquecer, ou lutas para destruir qualquer raiz de amargura que tenha surgido.

É um trabalho maravilhoso — o ministério do evangelho. É claro que há provações. Deus nunca nos deixa ir para muito longe, sem nos ajudar a ver nossas próprias fraquezas e profunda necessidade de seu poder e capacitação. E assim como Pedro diz, em 1 Pedro 1.6-9, mesmo quando nossa fé está sendo testada por todo tipo de provação, nós também podemos ter uma alegria que é inefável e gloriosa. Eu tive esta experiência ainda ontem. Conforme colocava meus fardos diante do Senhor, fui tomado por um incrível senso de estar sendo cuidado por Ele, e pela bondade e retidão ao conhecê-Lo e servi-Lo. A alegria inefável e gloriosa é nossa, mesmo em meio a provações. Que Deus poderoso nós servimos!

Oramos freqüentemente para que Deus continue abençoando a você e toda a sua família.

*Seguindo na graça,
Pastor Tedd Tripp*

PS – Segue abaixo alguns títulos, cuja leitura irá encorajá-lo em seu chamado como marido e pai:

1. *Your Family, God's Way*, Wayne Mack (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed Publishing Co., 1991).

2. *The Complete Husband*, Lou Priolo (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 1999).

3. *Pastoreando o Coração da Criança*, Tedd Tripp (Editora Fiel, São José dos Campos, SP).

¹ Eugene Peterson, *Subversive Spirituality*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1994, 132.

² Richard Baxter, *Christian Directory*, reimpressão, Ligonier, PA: Soli Deo Gloria, 1994, 183-195.

(Extraído do Livro *Amado Timóteo, Uma coletânea de Cartas ao Pastor*, Editora Fiel, Cap. 3, pp. 47-58.)

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

*Um pastor é um meio vital da graça para a sua igreja
e aos que ele serve.*

C. J. Mahaney

O USO CORRETO DO DIA DO SENHOR

Stuart Olyott

As pessoas não-convertidas não têm grande interesse no uso correto do Dia do Senhor, e inúmeros crentes se mostram confusos a respeito deste assunto. Esta confusão permanecerá enquanto não levarmos em conta os seguintes fatos importantes.

QUAIS SÃO ESTES FATOS?

1. Quando a Bíblia usa o termo “sabbath”, ele não significa “sábado”. “Sabbath” não é o nome de um dia da semana. A palavra é usada para descrever um tipo de dia, *um dia de descanso* do trabalho. Em todo o Antigo Testamento, os anos tinham 365 dias, e todo ano começava em um dia de “sabbath” (Lv 23.4-16). Outras datas fixas nunca podiam ser “sabbath” (Êx 12.1-28; Lv 23.15). Para fazer com que isso acontecesse, o calendário tinha de ser ajustado regularmente. A História nos ensina que isso era feito por acrescentar ao ano “sabbaths” extras que ocorriam

consecutivamente. Identificar “sabbath” com o dia de sábado é um erro. Foi apenas depois do ajuste definitivo do calendário judaico, em 359 D.C, que os “sabbaths” dos judeus passaram a cair sempre no dia que agora chamamos de “sábado”.

2. O “sabbath” [descanso] não é uma instituição judaica. Deus o instituiu na criação (Gn 2.1-3). É um dom de Deus para a *humanidade* (Mc 2.27).

3. Em certo aspecto, os Dez Mandamentos são diferentes de todas as outras leis encontradas nas Escrituras. Deus os escreveu com o seu próprio dedo. O Quarto Mandamento dEle é positivo, o mais cumprido e o mais detalhado dentre os dez, fazendo uma ligação entre os aspectos divino e humano, moral e cerimonial da Lei (Êx 20.8-11; 31.18).

4. O “sabbath” era importante

para nosso Senhor Jesus Cristo. A Bíblia não nos fala muito sobre os hábitos de Jesus, mas diz que Ele tinha o costume de ir à sinagoga no “sabbath” (Lc 4.16). Jesus anunciou que era Senhor do dia de “sabbath” (Mc 2.28). Dizer que o “sabbath” não existe mais é uma negação do senhorio de Cristo.

5. O Senhor do “sabbath” transferiu este dia para o primeiro dia da semana. Este foi o dia em que Ele ressuscitou dos mortos (Jo 20.1-18), apareceu aos discípulos (Jo 20.19, 26) e derramou o seu Espírito (At 2.1).

6. Os apóstolos e a igreja primitiva guardavam com distinção o primeiro dia da semana (At 20.7; 1 Co 16.2). Para evitar confusão, o Novo Testamento Grego chama o sábado judaico de “sabbath” e o primeiro dia da semana de “o primeiro dos sabbaths” (na tradução em português “o primeiro dia da semana” - Mt 28.1; Mc 16 2, 9; Lc 24.1; Jo 20.1,19; At 20.7; 1 Co 16.2). Algumas pessoas crêem que isto é apenas uma expressão idiomática grega significando apenas “o primeiro dia do ciclo da semana”. Contudo, não existe quase nenhuma evidência para isto. Temos de encarar os fatos: o primeiro dia da semana é um “sabbath”. Também conhecido como “o dia do Senhor” (Ap 1.10).

7. Durante toda a história da igreja, o domingo tem sido observado como o “sabbath” dos cristãos. A evidência documental é unânime e retrocede a 74 D. C. Durante as

piores perseguições, perguntava-se aos suspeitos de serem cristãos: “*Dominicum Servasti?*” (Você guarda o dia do Senhor?) Os verdadeiros crentes respondiam: “Eu sou um cristão, não posso deixar de fazer isso?” O que os crentes responderiam hoje?

8. É realmente imoral não guardar o Dia do Senhor. O Quarto Mandamento, que nos recorda isso, está em um código que proíbe a idolatria, o assassinato, o furtar, o mentir e o cobiçar. O Quarto Mandamento nunca foi anulado, e nunca o será (Mt 5.18). Quebrar um mandamento da Lei significa tornar-se culpado de todos os demais (Tg 2.10). A violação do dia de descanso traz o juízo de Deus (Ne 13.15-22).

9. O domingo, o dia do Senhor, é um dia de regozijo e satisfação (Sl 118.24; 112.1). A Palavra de Deus chama-o de *deleite* (Is 58.13). Deus nos deu esse dia como uma bênção para todos nós (Mc 2.27-28). Falando sobre a época evangélica, Isaias diz: “Bem-aventurado o homem que... se guarda de profanar o sábado” (Is 56.2).

10. As bênçãos do Dia do Senhor são visíveis a todos: recorda aos homens e mulheres caídos que existe um Deus a quem eles devem adorar; dá aos crentes a oportunidade de se reunirem ao redor da Palavra e, assim, mantém a vida espiritual deles; fornece oportunidades para a pregação do evangelho; fortalece os laços familiares; permite que toda a nação

descanse; promove a saúde... e a lista poderia continuar.

11. No Antigo Testamento, homens piedosos, como Moisés, Amós, Oséias, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Neemias, contenderam com as pessoas por causa do dia de descanso. A história da igreja está repleta de outros que fizeram o mesmo. O que nos impede de seguir o exemplo deles?

COMO DEVEMOS USAR O DOMINGO?

Com estes fatos em mente, podemos ver que, para nós, o domingo é o dia de descanso ordenado por Deus. É o dia que incorpora tudo o que é permanente e universal no Quarto Mandamento. Então, como devemos usá-lo? Para responder esta pergunta, temos de falar tanto negativa como positivamente.

O QUE NÃO DEVEMOS FAZER

Não devemos imitar os fariseus.

O dia de descanso tem sua origem na Criação. Por um tempo, usou as vestes do Antigo Testamento. No entanto, agora está com uma roupagem do Novo Testamento. Isto significa que não podemos impor ao dia de descanso as regras mosaicas que já passaram, tais como as que encontramos em Êxodo 35.2-3 ou Números 15.32-36. Não devemos ter em mente uma lista de faça e não faça, tal como se lê em Mateus 12.1-2. À legislação de Moisés, os fariseus acrescentaram todo tipo de regras deles mesmos. Para os fariseus, es-

fregar o grão na mão era o mesmo que debulhá-lo. Eles também tinham regras a respeito de quanto peso se devia carregar e quão distante se podia caminhar no dia de descanso. Por trás de todas as regras dos fariseus, havia uma mentalidade que não tem qualquer lugar na vida de um crente do Novo Testamento.

Não devemos trabalhar.

Na Bíblia, a palavra “trabalhar” significa muito mais do que ganhar a vida. Também se refere aos deveres de nosso dia-a-dia, à nossa recreação e ao pensamento que motiva estas coisas. Quanto for possível, todas estas coisas têm de ser colocadas de lado, tanto por nós como por aqueles pelos quais somos responsáveis. Devem ser colocadas de lado não porque somos pecadores ou impuros, e sim porque Deus nos ordenou que as fizéssemos nos outros seis dias da semana (Êx 20.8-11).

Não devemos ficar ociosos.

O descanso de Deus, após a Criação, não foi inatividade, e sim o cessar um tipo de atividade (Jo 5.17). O domingo deve ser um descanso santo que nos faz cessar um conjunto de objetivos, para que sigamos outro conjunto de objetivos bastante diferentes. Não é um dia para vadiarmos por aí.

O QUE DEVEMOS FAZER

Devemos nos reunir com outros crentes.

Devemos nos reunir, *tanto for-*

mal como informalmente (At 2.1; 20.7; Jo 20.26). A Bíblia não delinea algum tipo de lista de atividades para o domingo, mas o princípio é claro. O domingo não é um dia para gastarmos sozinhos ou somente com a família.

Devemos nos reunir especificamente *para a edificação*, ou seja, para edificarmos uns aos outros nas coisas de Deus. De tudo o que fizermos com este objetivo, o ensino da Palavra e a Ceia do Senhor são o mais importante (Atos 20.7).

Devemos evangelizar.

O Dia de Pentecostes começou com uma assembléia que visava à ajuda e ao encorajamento mútuos, mas a vinda do Espírito também consagrou aquele dia à evangelização. A vinda do Espírito Santo pode ser vista como um penhor de sua bênção nesta conexão (At 2).

Devemos nos envolver em obras de misericórdia.

É lícito fazer o bem no domingo, especialmente salvar vidas, curar e trabalhar pelo bem-estar espiritual dos outros (Lc 6.9; Mt 12.5; Lc

13.10-17; 14.1-6; Jo 5.6-9, 16-17). O domingo comemora o maior ato de misericórdia de todos os tempos. Todos podemos pensar em incontáveis maneiras de fazer o bem às pessoas, mas este aspecto da observação do domingo é amplamente esquecido. Aqueles que acham o domingo “monótono” quase sempre são pessoas que se tornaram egoístas.

Devemos nos envolver em obras necessárias.

Não podemos limitar isso apenas àquelas coisas necessárias à nossa sobrevivência, visto que, se assim fosse, passaríamos o dia somente respirando. O dia de descanso foi criado para o homem — em outras palavras, foi criado para o bem-estar do homem. Não há qualquer conflito entre guardar o domingo e seguir os nossos melhores interesses (Mt 12.1-8, 11-12). Continue, desfrute do domingo! Além das atividades já mencionadas, reúna-se com os amigos, prepare boa refeição para eles, converse, caminhe, sorria, ore, admire a criação de Deus e vá para a cama tendo um coração grato e contente.



*Indiferença no cristianismo é o primeiro passo
rumo à apostasia do cristianismo.*

William Secker

O ZELO DE RICHARD BAXTER

Erroll Hulse

Esboçarei a vida de Richard Baxter e, em seguida, destacarei o seu zelo, expresso em sua extraordinária obra pastoral, em Kidderminster, e em seu clássico *The Reformed Pastor* (O Pastor Aprovado).

UM ESBOÇO DE SUA VIDA

Richard Baxter nasceu em 1615. Diferentemente da maioria dos famosos ministros puritanos, Baxter não desfrutou de estudos nas universidades de Oxford ou Cambridge. Ele estudou na modesta Escola Pública Donnington. Depois, foi um autodidata. Leitor ávido, Baxter estudou amplamente vários assuntos. Deste modo, tornou-se um homem de excepcional conhecimento e habilidade para debates. Foi ordenado diácono pelo bispo de Worcester, em 1638. Por breve tempo (1641-1642), Baxter trabalhou como preletor e co-pastor em Kidderminster. Em 1642, o país se envolveu em guerra civil. Baxter serviu como capelão no Exército do

Parlamento até 1647, retornando a Kidderminster como pastor. Ali, ele trabalhou até 1661. Estes 14 anos, em que teve a idade de 32 a 46 anos, foram notáveis por causa da transformação espiritual operada na cidade. Aquele município foi tão abençoado que se tornou um referencial na história evangélica da Inglaterra.

Quase no fim de seu ministério em Kidderminster, uma viúva chamada Mary Hanmer veio morar na cidade, a fim de obter benefícios do ministério de Baxter. Ela estava acompanhada de sua filha Margaret, que tinha 16 anos de idade, e que era mundana e indiferente ao evangelho. Nos quatro anos seguintes, Margaret foi afetada pelo ministério de Baxter e aos 20 anos foi convertida. Durante este tempo, ela se apaixonou por Baxter, que considerava o celibato ideal para um ministro. Ele proclamava isto com entusiasmo — um ponto de vista que consistia um grande contraste com os puritanos

ingleses, os quais afirmavam, com vigor, a doutrina bíblica do casamento e da família. Richard Baxter deixou Kidderminster, para viver em Londres, onde ele usou toda influência possível a fim de obter um tratamento justo para os puritanos. Mary e Margaret o seguiram e passaram a morar perto dele. O Ato de Uniformidade, sancionado pelo Parlamento, em 1662, era rígido e severamente contrário à consciência dos puritanos.

O Ato de Uniformidade levou os puritanos a deixarem a Igreja Anglicana. Cerca de 2.000 ministros puritanos sofreram a perda de seu sustento, naquilo que, na História, ficou conhecido como a Grande Expulsão. É claro que isto incluiu Baxter. Sua vida foi arruinada: fora cruelmente despojado de sua *razão de ser*. Ele era pastor por natureza, agora sem igreja; um pregador nato, sem púlpito. A sua justificativa para o celibato desapareceu. Baxter se casou com Margaret em 19 de setembro de 1662. Ela estaria sempre com ele, confortando-o, prestando-lhe cuidado nas frequentes enfermidades, apoiando todos os interesses práticos de sua vida. Viver com Margaret foi a maior consolação desfrutada por ele durante os anos difíceis que vieram depois. O restante da vida de Baxter foi marcado por aflições. Em 1669, ficou preso por mais de uma semana em Clerkenwell e por 21 meses em Southwark (1685-1686). Ele nunca teve uma saúde robusta e precisou lutar contra graves surtos de enfermidade.

Em novembro de 1672, Baxter pregou publicamente pela primeira

vez em dez anos. Margaret (1636-1681) empregou, com generosidade, parte considerável de sua herança para garantir que Richard Baxter exercesse um ministério público eficiente. Ela alugou um salão público, onde cabiam 800 pessoas, em uma das áreas mais carentes de Londres e contratou algumas pessoas para ajudarem Baxter em seu ministério.

Durante o tempo de exclusão do ministério público, Richard Baxter usou seu tempo para escrever. Seus escritos excederam, em quantidade, os de John Owen. Diferentemente de John Owen, que talvez seja o melhor teólogo de língua inglesa, Richard Baxter era neonomiano e amiraldiano. Infelizmente, isto produziu confusão teológica nas duas gerações seguintes. Os leitores dos três clássicos de Baxter — *O Descanso Eterno dos Santos* (“The Saints’ Everlasting Rest”), uma explicação a respeito do céu; *Um Apelo ao Não-convertido* (“A Call to the Unconverted”) e *O Pastor Aprovado* (“The Reformed Pastor”) — não perceberão estes erros. É mais fácil ler Baxter que Owen. A sua obra mais extensa intitula-se *Diretório Cristão* (“Christian Directory”) e aborda cada aspecto da vida cristã sob um ponto de vista prático. É na aplicação prática das Escrituras que vemos o melhor de Baxter. Ele possuía um poderoso dom de constranger e levar a consciência à obediência.

Richard Baxter era sempre zeloso no que se refere à obra missionária. Ele foi um dos principais motivadores do estabelecimento da Sociedade de Propagação do Evangelho. John Eliot, famoso como “o

apóstolo dos índios americanos”, encontrou em Baxter um excelente auxiliador. Durante a sua última enfermidade, em 1691, Baxter leu *A Vida de Eliot* e escreveu ao seu autor, Increase Mather: “Pensei que morreria por volta das 12 horas, na cama, mas o seu livro vivificou-me. Conheço muitas das opiniões do Sr. Eliot, por meio das várias cartas que recebi dele. Não houve na terra um homem que honrei mais do que ele. A obra evangélica de Eliot é a sucessão apostólica pela qual eu mesmo suplico”.

EVANGELISMO ZELOSO EM KIDDERMINSTER

Na qualidade de pastor, Richard Baxter era excepcional. O sucesso do evangelho em Kidderminster, sob a liderança dele, foi singular. Não podemos encontrar na história evangélica da Inglaterra algo que se compare com este sucesso.

A cidade tinha aproximadamente 800 casas e uma população entre 2.000 e 4.000 pessoas. Baxter percebeu que eles eram “ignorantes, rudes e festeiros”. Uma notável mudança ocorreu. “Quando comecei meus trabalhos, tive cuidado especial por todos os que eram humildes, reformados ou convertidos. Mas, quando já havia trabalhado por bom tempo, aprovou a Deus que os convertidos fossem tantos, que não pude me dar ao luxo de gastar tempo com observações particulares; famílias e considerável número de pessoas vieram de uma só vez, amadureceram e cresceram, de um modo que não sei explicar”. O método de Baxter con-

sistia em visitar casa por casa e ser bastante direto no assunto de conhecer a Deus com fé salvadora.

No prédio da igreja cabiam 1.000 pessoas. Cinco galerias foram acrescentadas para acomodar a congregação.

Quando Baxter chegou a esta pobre cidade, onde a tecelagem era a principal atividade, ela era um deserto espiritual. Quando ele deixou Kidderminster, era um jardim belo e promissor. “No Dia do Senhor, qualquer um que caminhasse pelas ruas poderia ouvir centenas de famílias cantando salmos e repetindo sermões. Quando cheguei ali, somente uma família, em cada rua, adorava a Deus e invocava o seu nome. Quando saí, havia algumas ruas em que não havia nem uma família que não confessasse uma piedade séria, que nos dava esperança quanto à sinceridade deles.”

Posteriormente, Baxter escreveu: “Embora eu tenha estado ausente deles por quase seis anos e tenham sido assaltados por ameaças, calúnias e difamações a respeito da pregação, eles permanecem firmes e mantêm a sua integridade. Muitos deles estão com o Senhor. Alguns foram expulsos; alguns estão presos. Mas nenhum deles, sobre os quais tenho ouvido, caiu ou abandonou a sua retidão”. Quando, em dezembro de 1743, George Whitefield visitou Kidderminster, ele escreveu a um amigo: “Fui grandemente revigorado ao ver que o agradável aroma da boa doutrina, da obra e da disciplina do Sr. Baxter permanece até hoje”.

A principal diferença entre Baxter e a maioria dos pastores, do

passado e do presente, é que ele combinava a pregação com o testemunho pessoal direto, pessoa a pessoa. Com muita frequência, os pastores contentam-se em confinar seu testemunho do evangelho ao púlpito. A atitude e a prática de Baxter se revelam com clareza em seu livro *O Pastor Aprovado* (“The Reformed Pastor”).

RICHARD BAXTER E “O PASTOR APROVADO”

Os membros da *Associação de Worcester*, a fraternidade de clérigos que tinha Baxter como espírito propulsor, se comprometeram a adotar o método de catequese paroquial sistemática, conforme o método de Baxter. Eles estabeleceram um dia de jejum e oração, para buscarem a bênção de Deus sobre este empreendimento e pediram a Baxter que pregasse naquele dia. Entretanto, quando o dia chegou, Baxter se encontrava muito doente para estar presente; por isso, em 1656, ele publicou o material que havia preparado, uma exposição completa de Atos 20.28. Esse material recebeu o título de *O Pastor Aprovado* (“The Reformed Pastor”). Este livro tornou-se famoso, e tem sido usado em todas as gerações, até ao presente. Por exemplo, a edição da Banner of Truth, com a excelente introdução de J. I. Packer, surgiu em 1974; e edições posteriores foram realizadas em 1979, 1983, 1989, 1994, 1997, 1999 e 2001.

A palavra *Aprovado* (Reformed), no título, não significa calvinista em doutrina, e sim renovado em suas práticas. Este tratado é uma dinami-

te espiritual, e foi reconhecido assim desde a sua criação. Um mês depois de sua publicação, um leitor escreveu: “Ó homem grandemente abençoado! O Senhor revelou suas coisas secretas para você, pelas quais muitas almas na Inglaterra se levantarão e bendirão a Deus por você”.

Isto provou estar correto. O livro de Baxter, *O Pastor Aprovado*, ainda é o melhor manual quanto aos deveres de um pastor. Nada tem excedido o seu poder e sua eficácia. É um imperativo para todo pastor.

Na edição da Banner of Truth, J. I. Packer sugere que o vigor e o poder evocativo do livro atravessam três séculos. Ele descreve três excelentes qualidades de *O Pastor Aprovado*.

A primeira é o seu vigor. “As palavras do livro têm mãos e pés.” Baxter possuía olhos perscrutadores e, certamente, tinha palavras perscrutadoras. “Seu livro arde com zelo sincero e ardente, com fervor evangelístico e sinceridade para convencer.”

A segunda qualidade é que o livro contém realidade. “É honesto e direto. Frequentemente se diz, com exatidão, que qualquer cristão que ama o seu próximo e pensa seriamente que, sem Cristo, os homens estão perdidos não será capaz de descansar tranquilamente com o pensamento de que todos ao seu redor estão indo para o inferno, mas se disporá, ir-restritamente, a testemunhar, tendo isso como seu principal objetivo de vida. E qualquer crente que deixa de viver deste modo destrói a credibilidade de sua fé. Pois, se ele mesmo não pode, com seriedade, ter isso como norma de seu viver, quem mais

pode ter? Nenhuma outra obra manifesta tanta solidez como *O Pastor Aprovado*. Nesta obra, encontramos um amor apaixonado e um crente terrivelmente honesto, sincero e correto pensando e falando sobre o perdido, com realismo perfeito, insistindo em que temos de aceitar alegremente qualquer grau de desconforto, pobreza, trabalho excessivo e perda de bens materiais, se almas forem salvas, e apresentando, em sua própria pessoa, um exemplo vívido do que está envolvido nesta obra.”

Terceira, o livro é um modelo de racionalidade. J. I. Packer diz que o livro expressa bom senso. A responsabilidade é ressaltada com clareza. “A graça entra por meio do entendimento.” Baxter insistia em que os ministros têm de pregar a respeito de assuntos eternos como homens que sentem o que falam e se mostram sérios a respeito do assunto de vida e morte eterna. Baxter também sustentava que a disciplina da igreja tem de ser praticada para mostrar que Deus não aceita o pecado.

Em sua exposição de Atos 20. 28, Baxter esclarece a exortação “atendei por vós”. Ele também explica o significado de atender por todas as ovelhas do rebanho. Começa com o não-convertido e os inclui em sua percepção. Ele exorta os pastores à supervisão cuidadosa das famílias e persiste em que temos de ser fiéis em admoestar os transgressores. No que diz respeito ao modo como deve ser administrada esta supervisão, ela tem de ser realizada com franqueza e simplicidade, com humildade e uma

mistura de severidade e brandura, com seriedade e zelo, com ternura e amor para com as pessoas, com paciência e reverência, com espiritualidade e desejos sinceros de sucesso, com um profundo senso de nossa própria incapacidade. Finalmente, Baxter nos convoca a labutarmos unidos com outros ministros do evangelho, o que é sobretudo importante em nossos dias, quando divisões são mantidas por razões insignificantes e não-bíblicas.

O zelo de Richard Baxter resplandece em *O Pastor Aprovado*. As exortações de Baxter retinam com sinceridade porque ele vivia o que pregava. À semelhança de um oficial militar, Baxter leva os seus soldados à batalha. Ele não dá ordens a partir de uma zona de segurança.

A maneira como Baxter se dirigia à pessoas, quer em público, quer em particular, se reflete em *Um Apelo ao Não-Convertido* (“A Call to the Unconverted”), que vendeu 20.000 exemplares no seu primeiro ano de publicação e foi traduzido para vários idiomas. O versículo de abertura deste livro é Ezequiel 33.11: “Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertedei-vos, converteí-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?” A compaixão expressa neste versículo de Ezequiel é muito semelhante ao zelo ardente que o Espírito Santo produziu em Richard Baxter.

AS COISAS PEQUENAS

C. H. Spurgeon

Somos incapazes de realizar o mais humilde ato da vida cristã, se não recebemos de Deus o vigor do Espírito Santo. Com certeza, meus irmãos, é nestas COISAS PEQUENAS que geralmente percebemos, acima de tudo, a nossa fraqueza. Pedro foi capaz de andar sobre a água, mas não pôde suportar a acusação de uma criada. Jó suportou a perda de todas as coisas, porém as palavras censuradoras de seus falsos amigos (embora fossem apenas palavras) fizeram-no falar mais amargamente do que todas as outras aflições juntas. Jonas disse que tinha razão em ficar irado, até à morte, A RESPEITO DE UMA PLANTA.

Você não tem ouvido, com certa frequência, que homens poderosos, sobreviventes de muitas batalhas, foram mortos por um acidente trivial? John Newton disse: “A graça de Deus é tão necessária para criar no crente a atitude correta diante da quebra de uma louça valiosa como diante da morte de um parente querido”. Estes pequenos vazamentos precisam dos mais cuidadosos tampões. *Nas coisas pequenas, bem como nas coisas grandes, o justo tem de viver pela fé!*

Crete, você não é suficiente para nada! Sem a graça de Deus, não pode fazer coisa alguma. Nossa força é fraqueza — fraqueza até para as coisas pequenas; fraqueza para as situações fáceis, bem como para as complexas; fraqueza nas gotas de tristeza, como também nos oceanos de aflição. Aprenda bem o que nosso Senhor disse aos seus discípulos: “Sem mim nada podeis fazer” (João 15.5).

Os deveres evangélicos têm de ser realizados por um temperamento evangélico.

Stephen Charnock

ESTRATÉGIAS PARA LUTAR CONTRA A LASCÍVIA

John Piper

Estou pensando em homens e mulheres. Para os homens, isto é óbvio. É urgente a necessidade de lutar contra o bombardeamento de tentações visuais que nos levam a fixar-nos em imagens sexuais. Para as mulheres, isto é menos óbvio, porém tal necessidade se torna maior, se ampliamos o escopo da tentação de alimentar imagens ou fantasias de relacionamentos. Quando uso a palavra “lascívia”, estou me referindo principalmente à esfera dos pensamentos, imaginações e desejos que visualizam as coisas proibidas por Deus e frequentemente nos levam a conduta sexual errada.

Não estou dizendo que o sexo é mau. Deus o criou e o abençoou. Deus tornou o sexo agradável e definiu um lugar para ele, a fim de proteger sua beleza e poder — ou seja, o casamento entre um homem e uma mulher. Mas o sexo tornou-se corrompido pela queda do homem no pecado. Portanto, temos de exercer restrição e fazer guerra contra aquilo

que pode nos destruir. Em seguida, apresentamos algumas estratégias para lutar contra desejos errados.

EVITAR — evite, tanto quanto for possível e sensato, imagens e situações que despertam desejos impróprios. Eu disse “tanto quanto possível e sensato”, porque às vezes a exposição à tentação é inevitável. E usei os termos “desejos impróprios” porque nem todos os desejos por sexo, alimento e família são maus. Sabemos quando tais desejos são impróprios, prejudiciais e estão se tornando escravizantes. Conhecemos nossas fraquezas e o que provoca tais desejos. Evitar é uma estratégia bíblica. “Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça” (2 Tm 2.22). “Nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13.14).

NÃO — diga “não” a todo pensamento lascivo, no espaço de cinco segundos. E diga-o com a autoridade

de de Jesus Cristo. “Em nome de Jesus: Não!” Você não tem mais do que cinco segundos. Se passar mais do que esse tempo sem opor-se a tal pensamento, ele se alojará em sua mente com tanta força, a ponto de se tornar quase irremovível. Se tiver coragem, diga-o em voz alta. Seja resoluto e hostil. Como disse John Owen: “Mate o pecado, se não ele matará você”.¹ Ataque-o imediatamente, com severidade. “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7).

VOLTAR — volte seus pensamentos forçosamente para Cristo, como uma satisfação superior. Dizer “não” será insuficiente. Você tem de mover-se da defesa para o ataque. Combata o fogo com fogo. Ataque as promessas do pecado com as promessas de Cristo. A Bíblia chama a lascívia de “concupiscências do engano” (Ef 4.22). Tais concupiscências mentem. Prometem mais do que podem oferecer. A Bíblia as chama de “paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância” (1 Pe 1.14). Somente os tolos cedem a elas. “Num instante a segue, como o boi que vai ao matadouro” (Pv 7.22). O engano é vencido pela verdade. A ignorância é derrotada pelo conhecimento. E tem de ser uma verdade gloriosa e um conhecimento formoso. Esta é razão por que escrevi o livro *Vendo e Provando a Cristo* (*Seeing and Proving Christ* —

Crossway, 2001). Preciso de breves retratos de Cristo para me manter despertado, espiritualmente, para a sublime grandeza do Senhor Jesus. Temos de encher nossa mente com as promessas e os deleites de Jesus. E volvermo-nos imediatamente para tais promessas e deleites, depois de havermos dito “não”.

MANTER — mantenha, com firmeza, a promessa e o deleite de Cristo em sua mente, até que expulsem a outra imagem. “Olhando firmemente para... Jesus” (Hb 12.2). Muitos fracassam neste ponto. Eles desistem logo. Dizem: “Tentei expulsar a fantasia, mas não deu certo”. Eu lhes pergunto: “Por quanto tempo fizeram isso?” Quanta rigidez exerceram em sua mente? Lembre: a mente é um músculo. Você pode flexioná-la com violência. Tome o reino de Deus por esforço (Mt 11.12). Seja brutal. Mantenha diante de seus olhos a promessa de Cristo. Agarre-a. Agarre-a! Não a deixe

ir embora. Continue segurando-a. Por quanto tempo? Quanto for necessário. Lute! Por amor a Cristo, lute até vencer! Se uma porta automática estivesse para es-

magar seu filho, você a seguraria com toda a sua força e gritaria por ajuda. E seguraria aquela porta... seguraria... seguraria... Jesus disse que muito mais está em jogo no hábito da lascívia (Mt 5.29).

Uma das razões porque a lascívia reina em tantas pessoas é porque Cristo não lhes é muito cativante.

APRECIAR — aprecie uma satisfação superior. Cultive as capacidades de obter prazer em Cristo. Uma das razões porque a lascívia reina em tantas pessoas é porque Cristo não lhes é muito cativante. Falhamos e somos enganados porque temos pouco deleite em Cristo. Não diga: “Esta conversa espiritual não é para mim”. Que passos você tem dado para despertar sua afeição por Cristo. Você tem lutado por encontrar gozo? Não seja fatalista. Você foi criado para valorizar a Cristo — de todo o coração — mais do que valoriza o sexo, o chocolate ou o açúcar. Se você tem pouco desejo por Cristo, os prazeres rivais triunfarão. Peça a Deus que lhe dê a satisfação que você não tem. “Sacia-nos de manhã com a tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias” (Sl 90.14). E olhe... olhe... e continue olhando para Aquele que é a pessoa mais magnificente do uni-

verso, até que você o veja da maneira como Ele realmente é.

MOVER – mova-se da ociosidade e de outros comportamentos vulneráveis para uma atividade útil. A lascívia cresce rapidamente no jardim da ociosidade. Encontre algo útil para realizar, com todas as suas forças. “No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor” (Rm 12.11); “Sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Co 15.58). Seja abundante em atividades. Faça alguma coisa: limpe um quarto, pregue uma tábua, escreva uma carta, conserte uma torneira. E faça tudo por amor a Jesus. Você foi criado para administrar e trabalhar. Cristo morreu para nos tornar zelosos “de boas obras” (Tt 2.14). Substitua as concupiscências e paixões enganosas por boas obras.

*Pai de misericórdias, quão frequentemente
Deixamos de lutar contra a lascívia.
Temos abraçado o inimigo que faz guerra contra a nossa alma.
Perdoa-nos, de acordo com tua promessa de ser
Tardio em ira e abundante em misericórdia.
Vem agora e dá-nos nova determinação
Novo poder e nova visão de tuas
Promessas e de teu supremo valor.
Sacia-nos de manhã com a tua benignidade
Destrói a raiz de nossa lascívia com um prazer superior.
Em nome de Jesus, oramos. Amém.*

¹ John Owen, *The Mortification of Sin*, in *The Works of John Owen*, ed. William H. Gould, vol. 6 (Londres: Johnstone & Hunter, 1852; reprint, Edimburgo e Carlisle, Penn.: Banner of Truth, 1959), p. 9.

O QUE VOCÊ FAZ COM A IMORALIDADE?

Jim Elliff

Será um dos preletores da 22ª Conferência Fiel - outubro, 2006

Quando o apóstolo Paulo ouviu que havia imoralidade na igreja de Corinto, ficou perplexo. A imoralidade era tal, que até a sensibilidade do mundo pagão seria ofendida — Há “quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai” (1 Co 5.1). Todavia, a admiração de Paulo se devia, em grande parte, ao fato de que a igreja tolerou isso como um símbolo de honra. A igreja havia distorcido de tal modo o significado do amor, que se orgulhava de aceitar tais pessoas. “Contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar...?”, exclamou Paulo.

Este episódio revelador na história da igreja primitiva, encontrado em 1 Coríntios 5, não poderia ser mais relevante.

Como disse Paulo: “Não é boa a vossa jactância”. A idéia de que algumas associações de cristãos professos conduz atualmente à luta em favor de uniões de pessoas do mesmo sexo, homossexualidade no

sacerdócio e outras práticas que mitigam contra a pureza sexual e os laços do matrimônio certamente evocaria a justa indignação de Paulo, se estivesse vivo hoje.

A igreja não é um clube de voluntários formado de pessoas de qualquer convicção ou comportamento, uma entidade sem caráter, pronta a aceitar qualquer pessoa que deseja se unir no regozijo e excitação. É uma sociedade séria que possui limites. É para aqueles que foram vivificados por Deus, confessaram essa mudança publicamente, por meio do batismo, e estão comprometidos a andar em obediência e arrependimento todos os dias de sua vida. A igreja é uma união repleta de amor, não apenas de sentimentalismo — um amor que exige santidade (2 Tm 1.9; Gl 5.13; Rm 6.1).

Paulo apresenta uma lista dos limites da comunhão cristã nesta passagem. Entre os que a igreja deveria remover e com os quais não se

deveria associar, estava “alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberão, ou roubador...”

Então, o que devemos fazer quando encontramos imoralidade dentro da igreja? Não pode haver engano quanto à resposta:

- * Seja “tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou”.
- * Seja “entregue a Satanás”. (Isto significa: ao ser removido de seu meio, a igreja deixa tal pessoa no mundo e sob o controle de Satanás.)
- * “Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros.”
- * “Com esse tal, nem ainda comais.”
- * “Expulsai... de entre vós o malfeitor.”

No caso de pecados tão notórios como a imoralidade, a disciplina da igreja tem de ser imediata e decisiva. Por quê?

“Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?” é a explicação. Quanto mais o fermento permanece em uma massa de farinha, tanto mais ele se espalha. Paulo usou a festa da Páscoa, do Antigo Testamento, para estabelecer seu argumento. Naquela festa, todo o fermento era removido dos lares, visto que era um símbolo do pecado. Paulo disse que o Cordeiro pascal

havia sido imolado (ou seja, Cristo fora crucificado). Como igreja, devemos celebrar “a festa” (ou seja, viver constantemente em Cristo) sem o velho fermento da maldade.

Paulo defende apaixonadamente a pureza da igreja. Por um lado, exercer a disciplina é o melhor para a pessoa. É realmente a única atitude amável, neste caso. Permitir que o membro de uma igreja continue no pecado é semelhante a permitir que uma criança prejudique a si mesma e a seus irmãos, sem receber correção. Mas, por outro lado, exercemos disciplina porque Deus chamou a igreja à pureza.

Quando um frango está podre e cheio de vermes, você não fará o melhor se colocar um frango saudável na mesma sacola? É claro que não. O frango estragado e cheio de bichos sempre deteriora o saudável; nunca ocorre o contrário. Paulo escreveu na mesma carta: “As más conversações corrompem os bons costumes”.

Você têm caído neste velho problema da igreja de Corinto: orgulhar-se da tolerância indiscriminada?

Um pastor disse: “Jamais conseqüei levar nossa igreja a disciplinar seus membros. Hoje, existem tantas pessoas imorais entre nós, que discipliná-las causaria um grande conflito”.

Esta mentalidade é exatamente a razão por que tantas igrejas são ineficazes em mudar a cultura e em trazer pessoas a um estilo de vida diferente.

UM CORAÇÃO ENTENDIDO

Edward Donnelly

“**P**ede-me o que queres que eu te dê”, disse o Senhor ao rei Salomão (1 Rs 3.5). E o filho de Davi pediu um “coração entendido” (v. 9-ARC). Ele não pediu os dons mais elevados, nem o que seu pai teria pedido (Sl 27.4). Salomão pediu coisas valiosas — perspicácia, bom senso, entendimento, a capacidade de compreender as pessoas e situações, sabedoria prática para “julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal”.

E lemos: “Estas palavras agradaram ao Senhor, por haver Salomão pedido tal coisa” (v. 10). Discernimento é o que muitos crentes também parecem carecer intensamente.

POR QUE BUSCAR UM CORAÇÃO ENTENDIDO?

As razões de Salomão para querer discernimento ainda são válidas. As responsabilidades dele eram pesadas — “Teu servo está no meio do teu povo... povo grande, tão nume-

roso, que se não pode contar... quem poderia julgar a este grande povo?” (vv. 8, 9.)

Ele estava ciente de suas limitações pessoais: “Não passo de uma criança, não sei como conduzir-me” (v. 7). Conforme ilustrado no caso dos bebês das prostitutas (vv. 16-28), Salomão precisava tomar decisões a respeito de assuntos desconcertantes e complexos.

De modo semelhante, os líderes cristãos cumprem responsabilidades importantes em situações pastorais complicadas, conscientes de sua própria incapacidade. Como sabemos quando podemos fazer concessões e quando devemos permanecer firmes?

Como discernimos, em um caso específico, quanto ocorreu por causa do pecado e quanto por causa de ignorância? Como podemos encontrar as pessoas onde elas estão e trazê-las aonde desejamos que estejam?

Todo crente precisa de entendi-

mento — ou como pai, ou no lugar de trabalho, ou na vida da igreja. E um bom começo é admitir esta necessidade. Tenha cuidado com a pessoa que não tem dúvidas sobre si mesma (Pv 28.26).

Matthew Henry comentou: “Absalão, que era tolo, quis ser juiz por conta própria. Salomão, que era sábio, tremeu ante à sua incumbência e duvidou que estivesse preparado para desempenhá-la”.

COMO PODEMOS OBTER UM CORAÇÃO ENTENDIDO?

Um dos meus professores de teologia costumava começar a ano letivo com uma advertência a respeito das limitações do currículo: “Rapazes, podemos ensinar grego a uma pessoa, mas não podemos lhe ensinar discernimento”.

É verdade. Algumas pessoas são dotadas com perspicácia, enquanto outras deixam uma trilha de danos em seu caminho — sentimentos magoados, mal-entendidos, ofensas. Elas não pretendiam isso, mas é a maneira como elas são. Não importa quais sejam nossos dons naturais, todos podemos obter mais discernimento.

Como? Peça a Deus um coração entendido. A oferta de Deus a Salomão não foi exclusiva, pois temos a promessa: “Pedi, e dar-se-vos-á” (Mt 7.7).

Tiago é mais específico: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impõe; e ser-lhe-á concedida” (Tg 1.5). Devemos orar fervorosamente

ao nosso Pai celestial pedindo-Lhe grande medida de discernimento, a fim de que trabalhemos mais eficazmente com as pessoas.

A Bíblia nos fornece muito “senso comum”, pois “o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento” (Pv 2.6). A seção das Escrituras descrita como “Literatura de Sabedoria” tem este título apropriadamente, e um cristão que assimila, de modo regular, o livro de Provérbios, cresce especialmente por meio de uma fonte de tesouros de perspicácia prática.

PROFESSORES VALIOSOS

A experiência — a nossa ou a de outros — é um professor valioso para aqueles que estão dispostos a aprender dela. Suas lições podem ser severas — erros cometidos e sofrimentos a serem suportados. Mas são singularmente valiosas.

Algumas das pessoas de mais discernimento que já conheci sofreram provação, em algum grau, no passado. E o tempo de provação tornou-as mais sábias.

Também podemos aprender muito por ouvir. As palavras traduzidas “coração entendido” significam “um coração que tem a capacidade de ouvir”. Você é um bom ouvinte? Aqueles que não têm discernimento raramente o são. Eles são muito absorvidos por si mesmos para ouvir os outros com atenção.

Zenão, o filósofo estóico, não era cristão, mas não era um tolo. “Temos dois ouvidos e uma boca”, ele disse, “para que ouçamos duas vezes mais do que falamos”.

Talvez o caminho mais proveitoso para obter discernimento é colocar-se no lugar da outra pessoa.

Esta foi a maneira como Salomão chegou à sua brilhante solução no caso dos dois bebês, um morto e o outro vivo. Que difícil julgamento ele teve de fazer! Testemunhos desconfiáveis, evidências conflitantes, nenhum modo claro de provar a qual mulher o bebê pertencia.

Até que ele assumiu imaginariamente o lugar da verdadeira mãe. “Como eu me sentiria”, perguntou a si mesmo, “se eu fosse a mãe do bebê vivo?” E concebeu o teste cruel, mas eficaz, para descobrir onde estava o instinto maternal.

O LUGAR DO OUTRO

Este é o caminho que nos leva a um coração entendido, que nos capacita a cumprir eficazmente as nossas responsabilidades. Marido, coloque-se no lugar de sua esposa, quando você retorna ao lar, vindo do trabalho. O que você acha que ela espera de você.

Mãe, lembre o que é ser um adolescente, antes de conversar com sua filha a respeito de roupas ou amigos.

Pastores, enquanto realizam aquela difícil visita para disciplinar alguém, pare e, em oração, imagine os sentimentos daqueles com os quais você se encontrará. Eles ficarão amedrontados, com raiva, apáticos e procurarão se defender? O que lhe dizem o seu conhecimento e experiência a respeito deles?

Pregadores, enquanto preparam o sermão, tenham diante de si aquela viúva idosa, o atarefado homem de negócios, o adolescente confuso — todos os que ouvem a mensagem de vocês. Se estivessem no lugar deles, que tipo de sermão os ajudaria?

Coloque-se no lugar da outra pessoa. Este é o modo como desenvolvemos discernimento. Frequentemente o chamamos de regra áurea: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Lc 6.31).

É proveitoso porque, em efeito, é uma substituição — e a substituição é o âmago da realidade eterna. É uma força restauradora e libertadora porque se molda naquele que tomou o nosso lugar — “o Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.20).



Um crente santificado é semelhante a um sino de prata: quanto mais o sino é tocado, tanto melhor ele ressoa.

Stephen Charnock

OS CRENTES PRECISAM DO EVANGELHO

Peter Jeffrey

Paulo nunca estivera na cidade de Colossos. Nem pregara ali em ocasião alguma. Ele jamais havia orado com os crentes daquela cidade, nem se reunido com eles para momentos de comunhão nas coisas de Deus.

Contudo, quando Paulo ouviu sobre a dificuldade que causava problemas àquela igreja, sentiu-se profundamente preocupado e escreveu a Epístola aos Colossenses, expressando sua preocupação.

Alguns crentes de Colossos podem ter sido tentados a dizer a Paulo: “Não se intrometa aqui”. Aquela igreja não tinha qualquer ligação com Paulo, e nas igrejas fundadas por ele já havia problemas suficientes para mantê-lo ocupado.

Esse tipo de atitude seria inaceitável para o grande apóstolo. Ele nos diz: “Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a

preocupação com todas as igrejas” (2 Co 11.28). Esta preocupação marca a distinção entre o verdadeiro servo de Deus e o pregador de carreira ou (o que é pior) o falso pastor.

O problema na igreja de Colossos era falsa doutrina. Não temos muita certeza sobre qual era exatamente a heresia de Colossos, mas sabemos como Paulo lidou com ela. A heresia foi combatida de maneira positiva e emocionante — por meio da exaltação do Senhor Jesus Cristo.

OS PROBLEMAS DE HOJE

Nossas igrejas estão infestadas de problemas. Às vezes, os problemas são causados por falsa doutrina; às vezes, por mundanismo; e, frequentemente, por conflitos de personalidades. Não importa qual seja a causa, os problemas precisam ser encarados e expostos.

No entanto, a resposta não é usar o bordão e trazer os crentes de volta à linha. Esse procedimento não produz resultados; serve apenas para tornar alguns crentes mais insensíveis e obstinados, enquanto outros ficam desanimados. O que precisamos hoje é algo que amoleça o coração dos crentes e não que os endureça.

Os problemas das igrejas não são causados apenas por que os crentes são tolos e inexperientes. Por trás de todo problema está a mão de Satanás. É verdade que os crentes da Galácia eram insensatos, mas se deveu ao fato de que haviam sido fascinados pelas palavras astutas de falsos mestres (Gl 3.1).

Quando Paulo os chamou de insensatos, ele não estava, como disse John MacArthur, “falando sobre a falta de inteligência, e sim sobre o uso errado da inteligência”. O diabo, que havia cegado o entendimento daquelas pessoas, antes de se tornarem crentes, estava tentando usar o mesmo artifício, e elas lhe permitiram ter sucesso.

EXALTANDO A CRISTO

Exaltar a Cristo foi a resposta de Paulo para todos os problemas. Ele lembrou o evangelho aos crentes de Colossos (1.23) e prosseguiu mostrando-lhes a beleza e a amabilidade de Jesus. Ele escrevia a pessoas crentes, e suas palavras deixam evidente o fato de que *os crentes também precisam do evangelho*. E os pastores têm de pregá-lo com regularidade.

Sabemos que somente o evangelho pode salvar pecadores perdidos.

Mas também sabemos que somente o evangelho pode restaurar crentes errados e aprofundar nos crentes comprometidos o amor pelo Salvador? O calor do evangelho é a ferramenta mais capaz de tornar os crentes mais úteis na vida da igreja.

A VELHA, VELHA HISTÓRIA

Em nossos dias, é comum ouvirmos alguns frequentadores de igrejas evangélicas queixando-se de que nunca ouviram sermões sobre a cruz ou o sangue de Cristo. Isto ocorre porque os pastores, por sua vez, têm outra queixa: não existem incrédulos em sua congregação! Portanto, que proveito existe em pregar o evangelho para os convertidos?

Em vez de pregarem o evangelho, os pastores se concentram em pregar sermões sobre a santidade, a oração, os relacionamentos familiares e assim por diante. Estes são assuntos bíblicos e, por isso, assuntos indispensáveis que os crentes precisam ouvir. Contudo, eles também precisam ouvir o evangelho. É uma falácia total admitir que os sermões sobre a cruz e o sangue de Cristo têm valor apenas para os incrédulos.

OS CRENTES PRECISAM DO EVANGELHO

Quer sejamos salvos há duas semanas ou há vinte anos, todos precisamos ouvir regularmente a mensagem da cruz, da graça e do amor de Deus, em e por meio do Senhor Jesus Cristo.

Precisamos do evangelho, porque todas as outras coisas da vida

cristã resultam e dependem dele para obter vitalidade e frescor. Esta é a razão por que não existe nada mais emocionante para um crente do que ouvir o evangelho sendo pregado no poder do Espírito Santo.

Essa pregação entenece o coração do crente e estimula sua alma. Leva-o a desejar, se fosse possível, ser convertido novamente. Se perdermos de vista tudo o que o Novo Testamento ensina a respeito do significado e importância da pregação do evangelho, tropeçaremos espiritualmente.

Podemos até fingir atividades cristãs, mas nós mesmos seremos espiritualmente estéreis e frios. O evangelho é essencial a uma vida cristã saudável — essa é a razão por que os crentes precisam do evangelho.

REPLETOS DO EVANGELHO

Muitos pastores reconhecem isto e incluem um pouco do evangelho em cada sermão, de modo que os pecadores sejam desafiados e os crentes, encorajados. Todavia, precisamos de mais do que um pouco do evangelho em um sermão. Precisamos de sermões *inteiros*, que só exaltem a Cristo como Salvador. Necessitamos de sermões repletos do evangelho e de Jesus.

Charles Spurgeon disse aos pregadores, em certa ocasião: “Vocês precisam ter um desejo autêntico pelo bem das pessoas, se desejam ter grande influência sobre elas”. Um pregador não fará maior bem às pessoas, crentes ou não-crentes, do que falar a elas sobre Jesus.



A maior coisa que podemos desejar, além da glória de Deus, é nossa própria salvação. E a coisa mais agradável que podemos desejar é a segurança da salvação... Todos os crentes desfrutarão do céu quando deixarem este mundo. Porém, alguns crentes desfrutam do céu enquanto estão aqui na terra.

Joseph Caryl

A MALDIÇÃO DO HOMEM MODERNO

A. W. Tozer

Existe uma maldição antiga que permanece conosco até hoje — a disposição da sociedade humana de ser completamente absorvida por um mundo sem Deus.

Embora Jesus Cristo tenha vindo a este mundo, este é o pecado supremo dos incrédulos, o qual levou o homem a não sentir — nem sentirá — a presença dEle que permeia todas as coisas. O homem não pode ver a verdadeira Luz, tampouco pode ouvir a voz do Deus de amor e verdade.

Temos nos tornado uma sociedade “profana” — completamente envolvida em nada mais do que os aspectos físico e material desta vida terrena. Homens e mulheres se gloriam do fato de que são capazes de viver em casas luxuosas, vestir roupas de estilistas famosos e dirigir os melhores carros que o dinheiro pode comprar — coisas que as gerações anteriores nunca puderam ter.

Esta é a maldição que jaz sobre o

homem moderno — ele é insensível, cego e surdo em sua prontidão de esquecer que existe um Deus. Aceitou a grande mentira e crença estranha de que o materialismo constitui a boa vida. Mas, querido amigo, você sabe que o seu grande pecado é este: a presença eterna de Deus, que alcança todas as coisas, está aqui, e você não pode senti-Lo de maneira alguma, nem O reconhece no menor grau? Você não está ciente de que existe uma grande e verdadeira Luz que resplandece intensamente e que você não pode vê-la? Você não tem ouvido, em sua consciência e mente, uma Voz amável sussurrando a respeito do valor e importância eterna de sua alma, mas, apesar disso, tem dito: “Não ouço nada?”

Muitos homens imprudentes e inclinados ao secularismo respondem: “Bem, estou disposto a agarrar minhas chances”. Que conversa tola de uma criatura frágil e mortal! Isto é tolice porque os homens não podem

se dar ao luxo de agarrar as suas chances — quer sejam salvos e perdoados, quer sejam perdidos. Com certeza, esta é a grande maldição que jaz sobre a humanidade de nossos dias — os homens estão envolvidos de tal modo em seu mundo sem Deus, que recusam a Luz que agora brilha, a Voz que fala e a Presença que permeia e muda os corações.

Por isso, os homens buscam dinheiro, fama, lucro, fortuna, entretenimento permanente ou apego aos prazeres. Buscam qualquer coisa que lhes removam a seriedade do viver e que os impeça de sentir que há uma Presença, que é o caminho, a verdade e a vida.

Eu mesmo fui ignorante até aos 17 anos, quando ouvi, pela primeira vez, a pregação na rua e entrei numa igreja onde ouvi um homem citando uma passagem das Escrituras: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim... e achareis descanso para a vossa alma” (Mt 11. 28,29).

Eu era realmente pouco melhor do que um pagão, mas, de repente, fiquei muito perturbado, pois comecei a sentir e reconhecer a graciosa presença de Deus. Ouvi a voz dEle em meu coração falando indistintamente. Discerni que havia uma Luz resplandecendo em minhas trevas.

Novamente, andando pela rua, parei para ouvir um homem que pregava, em um cantinho, e dizia aos ouvintes: “Se vocês não sabem orar, vão para casa, ajoelhem-se e digam: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador”. Isso foi exatamente o que eu fiz. E Deus prometeu perdoar e satisfazer qualquer pessoa que estiver com bastante fome espiritual e muito interessado, a ponto de clamar: “Senhor, salva-me!”

Bem, Ele está aqui agora. A Palavra, o Senhor Jesus Cristo, se tornou carne e habitou entre nós; e ainda está entre nós, disposto e capaz de salvar. A única coisa que alguém precisa fazer é clamar com um coração humilde e necessitado: “ó Cordeiro de Deus, eu venho a Ti; eu venho a Ti!”



O cristianismo de hoje não transforma as pessoas. Pelo contrário, está sendo transformado por elas. Não está elevando o nível moral da sociedade; está descendo ao nível da própria sociedade, congratulando-se com o fato de que conseguiu uma vitória, porque a sociedade está sorrindo enquanto o cristianismo aceita a sua própria rendição!

A. W. Tozer